

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF**

**NATÁLIA ROCHA MOREIRA DE SOUZA COSTA**

**PROFESSOR EM APRENDIZADO: ESTAGIÁRIO**

**A visão intermediária do professor que ainda é aluno**

Juiz de Fora

2016

Natália Rocha Moreira de Souza Costa

**PROFESSOR EM APRENDIZADO: ESTAGIÁRIO**

**A visão intermediária do professor que ainda é aluno**

Relatório final, apresentado a Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciatura em História.

Juiz de Fora

2016

**Resumo:**

Neste trabalho se encontra um relatório de estágio de História que aconteceu no ano de 2016 no Colégio de Aplicação João XXIII. Será abordado as posições que o estagiário assume, sendo como aluno ou como professor. A intenção é discutir o ponto intermediário no qual o estagiário está inserido como um professor em aprendizado e como isso afeta o futuro professor. Conclui que o estágio é necessário, preparando o aluno para sua futura posição minimamente, e que melhor seria ter um tempo maior de estágio para que esse professor em aprendizado possa ganhar mais experiência para lidar com o dia a dia de uma sala de aula.

**Palavras-Chave:** Professor; Estagiário; Aluno; Aprendizado

## **Introdução:**

Durante o ano de 2016 tivemos a experiência de estágio no Colégio de Aplicação João XXIII, onde pudemos presenciar a sala de aula como professores em formação, trabalhando em conjunto com os professores vigentes. Tivemos a experiência de iniciar uma aula, aplicar uma atividade e por fim fazermos as nossas próprias aulas.

Entretanto, ainda como alunos, nós presenciamos atitudes que nos são bem semelhantes às aulas que tivemos em nosso curso superior, tanto como alunos como professores. Estamos em uma posição intermediária entre o aluno e o professor, isso afeta nossa própria visão de sala de aula e nos faz estar tanto em uma posição como em outra.

Esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência de sala de aula como estagiário nos momentos em que somos alunos, que será tratado no primeiro tópico, assim como a experiência do estagiário quando somos colocados na posição de professor, que será tratado no segundo tópico deste trabalho. No terceiro tópico será trabalhado a visão que o professor em aprendizado, o estagiário, tem tanto de sua posição como aluno e como professor. O quarto tópico será a conclusão deste trabalho, contendo as deliberações finais sobre o mesmo, como sendo um relatório de experiência de estágio.

### **1 – Estagiário Aluno**

A primeira posição que um aluno de estágio toma é a posição do estagiário aluno e essa experiência começa logo no primeiro dia de aula da disciplina de estágio. Enquanto os estagiários são apresentados às teorias de ensino e presenciam em prática como uma aula pode ser conduzida, pelo próprio professor de estágio, têm-se também explicações de como o estágio funcionaria, a apresentação da escola na qual seria feita a experiência e a apresentação aos professores que os acompanhariam durante o ano de 2016.

Enquanto que na sala de aula da universidade nós temos o material teórico para aplicação de uma aula, presenciamos no Colégio de Aplicação João XXIII o desenvolver de uma aula por um professor no ensino básico. Presenciamos as dificuldades e os artifícios usados

pelo professor para conseguir ministrar sua aula e com isso vimos em primeira mão o funcionamento da mesma, que se difere de uma aula dada ao Ensino Superior. Por um momento nos sentimos de volta à escola ao nos vermos sentados ao lado dos alunos do Fundamental e do Ensino Médio e assistirmos as aulas como eles, porém nosso objetivo em sala de aula é diferente dos alunos. Nos deparamos com o fato de que passamos a analisar a aula, percebendo a própria inclinação teórica do professor ao vermos sua escolha de textos complementares e sua escolha de abordagem dos conteúdos, algo que quando somos alunos não percebemos com clareza.

Na posição de professor aluno nos vemos observando a sala, o professor, a escola e o ambiente que a cerca. Somos como expectadores dos acontecimentos em sala de aula, ainda mais quando somos introduzidos pela primeira vez na mesma, onde não temos nenhuma relação estabelecida com os alunos. Expectadores porque não agimos em sala de aula no momento, somos apenas figuras que estão ali para presenciar e observar.

Com as observações em mãos, novamente nos vemos na sala de aula da universidade para discutir como foi a nossa experiência em sala. Nós discutimos os pontos positivos das aulas que presenciamos: o uso de material complementar, a relação agradável com os alunos por parte do professor, a participação dos alunos, a forma como o professor conduzia sua aula; assim como discutimos os pontos negativos: algumas brincadeiras que não cabiam ao professor fazer, no caso do professor que nós observávamos.

Durante a aula com o professor do estágio na universidade nos víamos destrinchando a aula que presenciamos, os comportamentos e as melhores medidas de se administrar uma aula. Muitas vezes o que discutíamos em sala de aula agia como crítica construtiva para o estágio. Nessas aulas também vimos e discutimos práticas de ensino que poderão beneficiar as aulas que daremos no futuro.

Ao analisar as aulas que presenciamos, tanto no estágio como na universidade, podemos perceber qual tipo de professor que queremos ser ao desconstruirmos a imagem de professor que foi construída ao longo dos nossos anos como estudantes – aquele que é sempre sério e que mantém a turma quieta e atenta. Com a troca de informações sobre os diferentes tipos de professores que temos contato no estágio, tivemos a oportunidade de definir que tipo de professor queremos seguir o exemplo e qual não queremos.

Também nos é incentivado desconstruir o ideal de sala de aula que criamos, aprendendo que a sala de aula nunca será perfeita, pois muitos fatores interferem dentro de uma sala de aula: a vida do aluno, o próprio professor, o ambiente da escola e outros tantos fatores. Deveremos

lidar com todos eles quando estamos na posição de professores, uma vez que uma sala de aula supostamente quieta, não significa que você está atingindo os alunos da mesma forma em relação ao aprendizado ou que todos os alunos estão prestando atenção em sua aula.

O importante estaria em reconhecer qual é a melhor maneira de trazer o interesse para o aluno em sua aula de História e buscar, dessa maneira, maximizar o aprendizado dos alunos em sua aula. Portanto, a posição de estagiário aluno ou, em outras palavras, o de professor aluno, possibilita-nos aprender a melhor posição que nos cabe como futuros professores.

## **2 – Estagiário Professor**

Quando ganhamos familiaridade com a sala de aula, nos foi proposto finalmente entrar no papel de professor. A primeira atividade proposta para os alunos do estágio foi preparar a introdução de uma aula, com a duração de 15 minutos.

Nós preparamos uma introdução sobre os conceitos dos “Ismos”: Capitalismo, Liberalismo, Socialismo, Comunismo, Fascismo, Nazismo e Anarquismo. Nós trouxemos aos alunos uma folha com os conceitos retirados de dicionário e fizemos uma apresentação de Power Point com imagens referentes a esses conceitos. Nós explicamos cada um deles brevemente e trouxemos trechos do filme *V de Vingança* (2016) para que pudéssemos discutir melhor, perguntando aos alunos que tipos de discursos eles percebiam nesses trechos que coincidiam com as explicações trazidas anteriormente.

O professor que acompanhamos nos deu a oportunidade de dar essa introdução em diferentes turmas, uma vez que ele dava aula nas três turmas do 1ª Série do Ensino Médio, um 9º do Ensino Fundamental e uma turma do 2ª Série do Ensino Médio. Pudemos perceber como cada turma encarava de forma diferente nossa introdução, turmas que eram mais interessadas que outras, outras que prestavam mais atenção, outras que traziam perguntas mais atentas e outras cuja atenção estava em outro lugar. Foi possível perceber a diferença do que era dar aula no primeiro horário e o que era dar aula ao sétimo horário, notando como as turmas se tornavam diferentes por conta do horário. Percebia-se também a diferença de cabeça de uma turma com relação à outra, como no caso do 9º ano que se percebia um comprometimento maior com a

aula do que na 3ª Série do Ensino Médio. No caso da 2ª Série do Ensino Médio, cuja aula era no sétimo horário, percebia-se uma completa falta de atenção.

A segunda oportunidade de conduzir a sala de aula deu-se através da criação de uma atividade para ser aplicada durante os 50 minutos de aula, que deveria ser feita e corrigida nesse período de tempo. Nós aplicamos uma atividade sobre a vinda da Família Real Brasileira para o Brasil em comparação com a vinda de imigrantes sírios para a Europa. A atividade era composta de duas questões abertas para serem respondidas e um texto para ser usado como apoio.

A atividade foi aplicada na 2ª Série do Ensino Médio, durante o sétimo horário. Os alunos já estavam cansados de uma manhã inteira de aula e já estavam preocupados em ir para casa ou trabalho ou cursinho. Como observado anteriormente, nas aulas dadas pelo professor, era uma turma difícil. As dificuldades de aplicação da atividade já começaram no momento de explicá-la, os alunos quase não prestavam a atenção no que era dito na frente à sala. Por vezes foi necessário se levantar o tom de voz para se fazer ouvido.

Durante a atividade percebemos que apenas um grupo o trabalho era conjunto, enquanto que nos outros eram um ou dois aqueles que faziam as questões pedidas, enquanto os outros membros do grupo ficavam conversando entre si. Ao corrigirmos a atividade, foi notado que poucos tiveram a curiosidade de ler o texto com atenção e, mesmo que eles tenham tido a oportunidade de consultar a internet, não conseguiram chegar às respostas desejadas. A correção acabou por ser tumultuada por conta do horário da aula. Foi uma experiência complicada e diferente da anterior ao pegarmos uma turma que estava pouco comprometida com o trabalho que estávamos fazendo em frente da sala de aula. O professor teve que interferir em nossa ajuda mais de uma vez.

A terceira oportunidade nos foi dada quando tivemos de planejar, ao fim do ano, as aulas que daríamos. Chegamos a planejar uma aula sobre o início da Redemocratização Brasileira, porém, por conta das ocupações que o colégio estava sofrendo, e a turma escolhida sendo a do 3ª Série do Ensino Médio, cujo prédio estava sendo ocupado, nos foi dado a opção de criar uma oficina para que trabalhássemos um assunto de nossa escolha e déssemos aos alunos presentes na ocupação.

O assunto escolhido foi a *Manipulação da Mídia e como ela afeta as ocupações das escolas – Em uma perspectiva comparada com a ficção*, começamos a discussão com notícias sobre as ocupações. Através das notícias, uma contra o movimento e outra a favor, trabalhamos

com os alunos como cada mídia tem seus interesses, mesmo que mascarados em um suposto ato de simpatia à causa, e que nenhuma mídia é isenta de parcialidade. A oficina tinha o intuito de abrir uma conversa com os alunos sobre essa questão e em cima das falas dos alunos nós trabalhávamos conteúdo.

Em conjunto com os alunos, aprofundamos sobre a mídia e como ela funciona, como ela poderia ser utilizada de diferentes formas para se passar a informação, opinião ou ideal que um grupo quisesse propagar. Foi utilizado um vídeo do *V de Vingança* (2006) para mostrar que a mídia pode ser usada para contar uma história como se fosse verdade e que ela pode ser usada a favor de alguém ou instituição. Foi trabalhado, também, o porquê de alguns assuntos se tornarem manchetes e outros apenas notas de rodapé, com as indagações dos alunos e suas próprias visões do caso, o porquê disso acontecer e qual o propósito dessas escolhas ao se olhar a situação geral, além dos interesses que há por trás dessas escolhas.

Trabalhamos também como a escolha de palavras e a forma como as informações são dadas dentro de uma notícia podem influenciar a opinião pública, e como eles notavam que acontecia isso com relação ao próprio movimento deles. Entramos na reta final de nossa oficina ao conversarmos sobre o uso da manipulação da mídia dentro de textos literários e como eles eram representados dentro dos livros. Foram escolhidas as séries *Jogos Vorazes* e *Harry Potter*.

Na primeira foi trabalhado com os alunos como a mídia foi usada tanto na divulgação dos filmes, nas imagens promocionais, com a criação do bem/mal, resistência/ordem para instigar a curiosidade dos telespectadores, onde a manipulação da mídia podia vir de forma subliminar em imagens que nem nos damos conta. Assim como o uso da personagem principal dentro da narrativa, ela foi utilizada como um boneco publicitário por ambos os lados que lutavam dentro da trama. Foi questionado aos alunos se eles percebiam que a intenção da personagem principal não coincidia com os interesses daqueles que utilizavam sua imagem e que isso poderia estar acontecendo com eles e seu movimento, tanto pela mídia a favor, como a mídia contra.

Enquanto que a segunda série foi usada para explicar e exemplificar o que já havíamos discutido anteriormente, que a mídia tem um propósito que muitas vezes serve à aquele que está no poder e que muitas vezes o que está em um jornal pode muito bem ter sido uma fabricação ou um exagero da situação real, além de que a mídia muitas vezes é bancada e mantida por figuras que estão no poder, mantendo ou mudando suas opiniões quando é conveniente a essas entidades.



A oficina foi finalizada com o uso de uma novela coreana, *Pinocchio*, cuja a cena utilizada retratava uma personagem repórter televisiva fazendo uma entrevista com um rapaz, este com a intenção de limpar o nome de seu pai, e após a entrevista estar feita a repórter pediu ao cinegrafista para cortar a parte da entrevista que convinha a seu objetivo de tornar a situação do pai do rapaz pior. Foi questionado aos alunos quais eram as intenções de cada personagem que utilizaram a mídia – o rapaz e a repórter –, cada um com seu propósito ao utilizar-se dela. O objetivo desses questionamentos era fazer os alunos perceberem aquilo que estávamos discutindo desde o início da oficina: a mídia serve a alguém, para alguém. Finalizamos com o questionamento se as notícias que circulam nos meios de comunicação são a completa verdade ou uma narrativa construída, com os alunos concluindo que muitas vezes eram narrativas construídas para um propósito.

A intencionalidade de utilizar as séries de livros, filmes e novelas, foi trazer a discussão para um campo mais próximo aos alunos e, ao tratar com eles sua situação em ocupação da escola, foi de trazer a discussão para o próprio movimento onde eles estavam inseridos e com isso saberem como lidar com as posições que a população estava tomando em relação às ocupações e, talvez, lutar contra essa visão que estava sendo construída sobre o que estavam fazendo dentro da escola ocupada.

Já experiência de ministrar essa oficina foi completamente diferente das anteriores. Enquanto que nas duas atividades anteriores o ambiente de aula era o clássico, nesse nos vimos em uma roda de conversa com os alunos, onde eles podiam interferir com suas ideias a qualquer momento, trazendo uma dinâmica para o momento que não é possível, muitas vezes, nas aulas em modelo clássico. Tivemos muita liberdade com relação ao tempo, o que nos possibilitou ter uma discussão sem que ela ficasse incompleta, e foi interessante ver o quanto os alunos que participaram estavam interessados nos assuntos que discutíamos, trazendo ali suas opiniões e próprios pensamentos sobre os assuntos discutidos.

Para além das propostas dadas em aula de estágio, já tínhamos começado a ter diferentes contatos com os alunos na posição de professores. Entre as atividades que havíamos aplicado anteriormente, nos foi dada a oportunidade de interferir nas aulas do professor, para trazer informações que tínhamos sobre o assunto discutido em sala de aula, assim como pudemos participar da elaboração de provas e aplicação e correção das mesmas, o que nos deu experiência de como trabalhar uma questão para ser aplicada em prova e como trabalhar com os alunos as correções.

Em suma, ter a experiência de estar como professor abre uma nova perspectiva da sala de aula, ela nos faz lembrar a época de aluno e como víamos o professor se postar na frente de sala de aula. Vimos que muitas vezes não é tão difícil copiar os exemplos ruins que tivemos em nossa vida como estudantes na busca de manter a ordem em sala de aula e que muitas vezes é mais fácil se valer dessas atitudes, que em maioria são negativas, em prol de manter o controle da turma.

Porém, a experiência de dar a oficina foi completamente diferente. Enquanto no modelo clássico, que nos foi apresentado anteriormente, nos víamos presos a modelos de conduta em sala de aula, que muitas vezes nos limitava e limitava o aluno, a oficina nos proporcionou um novo método de ensino que se tornou colaborativo entre o aluno e o professor. Não que em uma aula normal não há a colaboração entre o professor e o aluno, pelo contrário, a oficina apenas possibilitou uma maior interdisciplinaridade entre as matérias, e o que despertou ainda mais o interesse dos alunos sobre ela. Ao ver os alunos engajados no assunto que discutíamos, foi uma experiência mais estimulante.

### **3 – Estagiário: O meio termo entre o aluno e o professor.**

Em virtude do caráter misto que o estagiário assume em sua posição como aluno e professor, nós passamos a ter uma visão mista da sala de aula. É interessante como passamos a analisar questões dentro de sala de aula com uma visão diferente de quando somos puramente alunos.

Como estagiários, nos passa ser comum analisar uma aula com visão mais crítica do que quando somos alunos. Mesmo como aqueles que estão sentados na cadeira aprendendo, podemos dizer se uma aula é boa ou não, mas quando começamos a olhar os bastidores de uma aula: a preparação de material, planejamento de aula e organização de conteúdo; nós conseguimos perceber quais são as falhas de uma aula e quais são os pontos positivos da mesma em quesitos metodológicos.

Conseguimos identificar quando um professor planeja suas aulas e quando o professor não o faz. Conseguimos perceber quando o professor consegue trabalhar com o material que traz para a sala de aula e quando não. Porque tudo que é trazido para a sala de aula deve ser

trabalhado, direcionado e explicado aos alunos e, por sabermos disso por conta das aulas de estágio na universidade, nos é possível analisar a aula do professor que acompanhamos durante o ano.

Aprendemos, também, como planejar as nossas próprias aulas e em conjunto com os professores e os outros estagiários, durante as aulas na universidade, foi possível ver o planejamento de aulas de nossos colegas, onde pudemos opinar e ajudar uns aos outros. De certa maneira, nós mesclamos nossa visão como aluno, ao nos imaginarmos assistindo a aula que os colegas estavam apresentando seus projetos, tentando pensar como essa aula seria em prática na visão do público alvo. Com isso, conseguimos dizer quais pontos poderíamos melhorar e quais poderiam ser mantidos. Aprendíamos através uns dos outros e por fazermos essas trocas de informações pudemos crescer como futuros professores.

No entanto, a visão de aluno e o próprio fato de sermos um, traz consigo desafios para o professor em aprendizado que o estagiário é. Muitas vezes a visão do aluno, que é tão presente no estagiário, faz com que haja uma predominância do saber teórico de como se agir em sala de aula, mas não uma efetiva atitude de professor na prática, o que torna, muitas vezes, a experiência desse professor em aprendizado mais difícil.

A visão de professor ainda está sendo construída no estagiário, por isso somos um meio termo entre o professor e o aluno, não sendo completamente um e deixando de ser o outro parcialmente. Mas, na função que nos cabe enquanto estagiários, essa visão prova ser benéfica no aprendizado de ser professor.

#### **4 – Conclusão:**

Em retrospecto, a experiência de estágio é essencial para o professor em aprendizado que somos e um dos pontos fortes é exatamente poder enxergar esse intermédio que existe no estagiário.

Enquanto Professores em Aprendizado, não nos falta o conteúdo da matéria que vamos dar. Como futuros professores de História, nós tivemos uma formação acadêmica forte por conta do ensino de História presente na Universidade Federal de Juiz de Fora. O que acaba nos

faltando é exatamente a experiência necessária para a sala de aula. O estágio que fomos submetidos mostra-se importante e nos dá uma visão diferente da sala de aula, mas ele não nos prepara completamente para o que é ser um professor em prática.

Por não ser um estágio ideal por falta inclusive de tempo para que pudéssemos fazê-lo com melhor preparação, há o fato de que a experiência no Colégio de Aplicação João XXIII não consegue abranger a realidade do ensino público brasileiro, estando inclusive, longe de tal feito.

Essencialmente, por termos ainda a visão do aluno, mesmo tendo feito o estágio, nós vamos com mais ilusões do que é uma sala de aula do que de fato seria uma quando entramos no mercado de trabalho. O que, diferentemente do que nos ajudava em nossa posição como estagiário, pode nos prejudicar enquanto professores em sala de aula.

Por isso há uma necessidade de estágio de História na Universidade Federal de Juiz de Fora que consiga preparar o aluno melhor para as condições que encontrará em seu futuro como professor.

De forma geral, o estágio ao qual fomos submetidos nos dá a preparação mínima para entrarmos em uma sala de aula, assim como nos dá a oportunidade de perceber se realmente queremos, ou não, ser professores, o que por si só já é válido. O que falta no estágio é anular o ponto intermediário que nos encontramos. Muito dificilmente sairíamos completamente preparados para uma sala de aula, mas nos daria mais experiência, algo que um ano de estágio dificilmente propicia.